

O CÃO TRIANGULAR E A MORAL HEXAGONAL

(*O Cão Triangular*. Evelina Oliveira e Maria Leonor Barbosa Soares. Campo das Letras, Porto, 2008)

José Jorge Letria

Imagine-se um cão triangular que se encontra com um menino triangular e que ambos passam a partilhar a singularidade da sua diferença e também a cumplicidade que essa diferença gera e que os faz ficar mais próximos um do outro.

E este o eixo narrativo do enredo que serve de base ao livro “O Cão Triangular”, de Evelina Oliveira e Maria Leonor Barbosa Soares. Lê-se, de resto, na capa, que o livro é de ambas e que as ilustrações são de Evelina Oliveira, circunstância pouco comum neste tipo de obras, em que o território do texto está, em regra, a cargo do escritor e o da ilustração nas mãos do ilustrador.

O carácter “sui generis” mas verdadeiramente exemplar desta colaboração é explicado por Leonor num breve texto introdutório em que nos faz saber que tudo começou há uns 14 ou 15 anos com um conjunto de desenhos e pinturas de Evelina Oliveira que, depois, deram origem ao texto que agora podemos ler e que mais tarde se materializou nesta feliz edição da Campo das Letras.

Se sublinho o carácter “exemplar” desta colaboração é porque é muito raro ver livros para crianças nascerem deste tipo de estreita colaboração e diálogo criativo entre quem escreve e quem ilustra.

Em regra, o escritor envia o seu texto para o editor pie, uma vez aceite a proposta de edição, lhe sugere um ilustrador, em função da disponibilidade deste, da adequação do seu estilo a obra e também da margem de manobra orçamental de que quem edita dispõe.

Aqui, neste “O Cão Triangular”, há dois percursos criativos que se fundem num só e que dão origem a um livro de muita qualidade literária e plástica.

Como gosto muito de animais, repartindo equitativamente os meus afectos pelos cães e gatos que me povoam a casa, senti-me, logo que olhei para a capa do livro, atraído por esta criatura triangular que vive o tormento da sua diferença no meio de outros seres com formas consideradas comuns e normais.

Vivemos numa sociedade em que, por manifesto déficite de cidadania, as pessoas tendem a lidar mal com a diferença, seja ela de que natureza for, apesar de serem detectáveis, nos últimos anos, alguns sinais de saudável evolução das mentalidades.

Como se lê no texto, o pobre cão triangular via-se forçado a escapar ao tédio, aos humanos, aos cães e aos gatos, sentindo-se obrigado a “inventar todos os dias”, coisa que muitos de nós temos de fazer quando nos mingua a paciência para vivermos os dias que os outros nos tentam impor.

Deste modo, o Cão Triangular vai fazendo o seu caminho, até que encontra o Menino Triangular, cheirando “humano e a queijo”. Assistimos, então, a um momento mágico, que é aquele em que dois seres diferentes e cheios de afecto para partilhar se juntam para, somando as suas tristezas e vazios, tornarem as suas vidas mais suportáveis e até vocacionadas para a construção de um projecto de felicidade comum.

Esta é, nesse aspecto, uma história de proveito e exemplo, urna história de ternura e entendimento que plenamente se ajusta a realidade das comunidades urbanas onde se vive cada vez com mais pressa, com menos tolerância, com maior relativismo moral e sem tempo para a alegria de olhar e de descobrir.

O livro criado por Evelina Oliveira e Leonor Barbosa Soares constitui também um exemplo de pleno entendimento entre urna *escritora* e uma ilustradora - pintora, não havendo, ao longo das páginas da obra, qualquer sinal de desfasamento ou de sobreposição de discursos. O que uma escreve, a outra reescreve plasticamente; o que uma ilustra pintando, a outra descreve com agilidade narrativa, com colorida imaginação e com a mais certa escolha de palavras e imagens verbais, introduzindo no discurso narrativo a exuberância da linguagem que os mais jovens falam.

Por tudo isto, *O Cão Triangular* é um livro harmonioso, apelativo e também pedagógico graças aos valores que veicula e tenta partilhar com os pequenos leitores.

Entendo ainda dever dizer que, numa época em que a proliferação de livros para os mais novos faz com que, muitas vezes, o gato vista a pele da lebre, confundindo-se quantidade com qualidade “só porque é o que está a dar”, este livro mostra que escrever e ilustrar para os mais novos é um acto que exige grande seriedade, criatividade, bom gosto e sentido pedagógico, pois, como um dia lembrou Cecília Meireles, “escrever para os mais pequenos e o mesmo que escrever para Os adultos, só que melhor”.

Quando os dois triângulos, o do cão e o do menino, se sornam, estamos perante um feliz hexágono de afecto, cumplicidade e partilha que faz deste livro uma escolha certa para oferecer num Natal de incertezas e múltiplas conflitualidades latentes ou expressas. O pardaleco amarelo e hexagonal que aparece na história perto do fim é o símbolo perfeito da viabilidade dessa soma. Depende apenas de nós sermos ou não capazes de a tornar possível. Se os seres humanos fossem capazes de unir os triângulos das suas diferenças, nasceria, pela certa, uma nova geometria do entendimento e da paz e, com ela, a harmonia de que todos precisamos para manter este mundo humano e habitável. Resta saber até quando. De uma coisa estou absolutamente certo: livros como este podem e devem dar uma excelente ajuda.